

FAÇA BONS NEGÓCIOS NA FEIRA DE TAGUATINGA: ELA VAI ACABAR



* Há muita coisa por trás das 200 milhas. Ainda hoje, especialistas em direito internacional continuam discutindo-as. O Brasil já está impondo seu domínio sobre o mar. Saiba porque na página 5.

Neste número, publicamos um questionário para você responder: onde mora, quando vem para a UnB, os horários de suas aulas. Isso é para a UnB verificar as possibilidades de novas linhas, em seu benefício. Página 4.

* Depois de Guimarães Rosa, muitos estilos apareceram em literatura. Agora, surge um outro: o telegramático. É a curiosa reportagem que publicamos na página 4.

* Você está interessada em saber o que anda acontecendo na Europa em matéria de televisão? Basta ler a reportagem da página 8, onde um professor do Departamento de Comunicação conta tudo que viu por lá.



A feira está acabando: aproveite enquanto é tempo

Quem passa por Taguatinga nos sábados e domingos deve estar acostumado a ver aquela imensa feira que vende muita coisa boa e barata. Desde os produtos alimentícios básicos até roupas e calçados. Agora, ela está ameaçada de extinção. Ou melhor, vai acabar mesmo, por ordem do Governo do Distrito Federal.

Os feirantes passaram por momentos difíceis, com o possível fechamento de suas barracas de manufaturados, e, consequentemente, com a permanência de grande estoque encaalhado. Isso porque, anteriormente, haviam recebido o aviso de que suas lojas deveriam estar fechadas no último dia 10.

A possibilidade de venda dos produtos era mínima, a não ser que os feirantes conseguissem abrir uma lojinha e se igualassem aos demais comerciantes de Taguatinga, ou seja, vendendo pelo mesmo preço. A propósito: a decisão do GDF teve em vista justamente colocar os feirantes e comerciantes em pé de igualdade, uma vez que estes últimos

estavam reclamando que suas lojas estavam entregues às baratas enquanto seus concorrentes viviam com uma freguesia imensa. Com a vantagem de não pagarem nenhum tipo de imposto. Os feirantes reclamaram dizendo que o prazo era pouco pois quase nenhum deles conseguira abrir uma loja e enquadrar-se nas leis do comércio. Falta capital para isso. Segundo suas próprias palavras, morreriam de fome.

No entanto, o GDF acabou sendo condescendente e dilatou o prazo fixado anteriormente. Agora, os feirantes têm 90 dias para vender todo seu estoque ou então entrar por uma tremenda fria com um prejuízo enorme.

Por isso, vale a pena dar um pulo até lá. Os preços são realmente mais baixos e os produtos de boa qualidade. Ao mesmo tempo, quem for estará fazendo uma caridade pois eles realmente necessitam esgotar seu estoque. Lembre-se: aproveite enquanto é tempo porque depois não tem mais.

As características fundamentais da nova biblioteca residem no estabelecimento de uma linguagem adequada ao espírito da Arquitetura brasileira e a proposta urbanística de Brasília.

Sua localização na Praça Maior e seu conteúdo cultural mereceram atenção especial dos arquitetos, que imprimiram ao projeto um caráter de elegante dignidade, sem contudo pretender o monumental.



Em outubro, uma nova biblioteca

CAMPUS - Em que ano você foi fundada?

BIBLIOTECA - Em 1962.

CAMPUS - Você ocupa o SG 12 desde 1962?

BIBLIOTECA - Não. Minha primeira morada foi o Bloco I da Esplanada dos Ministérios, e posteriormente a Sala dos Papiros, situada no primeiro prédio construído no Campus, o FE-1. No segundo semestre de 1962, passei a ocupar o prédio SG-12, onde até hoje me encontro, provisoriamente.

CAMPUS - Provisoriamente?

BIBLIOTECA - Exatamente. Em outubro vou me instalar, definitivamente, na Praça Maior.

CAMPUS - Você está gostando da ideia?

BIBLIOTECA - Claro que sim. Minha futura residência é o "fino". Trata-se de um monobloco de 3 pavimentos e um subsolo, perfazendo um total de 13.000 metros quadrados.

CAMPUS - Vai sair uma nota da, queias!

BIBLIOTECA - Nada disso. O custo previsto é de apenas 1.500.000 dólares. A minha nova residência é tão bacana, que a adequação perfeita ao clima de Brasília foi conseguida sem o recurso compulsório de equipamentos mecânicos - geralmente muito onerosos - sendo resolvido o problema com sombreamento e ventilação permanente através de recursos construtivos.

CAMPUS - O que vem a ser uma biblioteca central?

BIBLIOTECA - Negócio seguinte: a UnB, fundada como um impulso de renovação do ensino superior no Brasil implantou o

conceito de Biblioteca Central Universitária, opondo-se a tradição inadequada da multiplicidade de bibliotecas isoladas de departamentos, faculdades ou escolas.

CAMPUS - Não seria melhor a existência de bibliotecas em departamentos, faculdades e escolas?

BIBLIOTECA - Nada disso. Esse negócio já era. Numa época em que as ciências se imbricam cada vez mais, em que surgem novas especializações interdisciplinares, em que a universidade integrada é uma realidade ativa, aquela tradição surgida da própria formação, tumultuada da universidade brasileira - o ajuntamento de escolas autônomas e desconexas - teria de ser suplantada por uma concepção nova e dinâmica. Satisfeitos?

CAMPUS - Perfeitamente.

BIBLIOTECA - Modéstia à parte, sou a primeira biblioteca central universitária brasileira.

CAMPUS - Qual a sistemática para o empréstimo dos seus livros?

BIBLIOTECA - Somente os

alunos da UnB, inscritos no cadastro, estão habilitados ao empréstimo. Para registrar-se no cadastro torna-se necessária a apresentação de um documento de identidade, carteira estudantil ou ficha de matrícula, e duas fotos 3 x 4. O aluno poderá retirar, de uma vez, até cinco livros, com 15 dias de prazo para devolução. Vencido o prazo, é possível prorrogá-lo por mais 15 dias, desde que não haja leitores interessados no livro. A devolução com atraso é punida com multa.

CAMPUS - Qual é a sua frequência diária?

BIBLIOTECA - 3.000 leitores, aproximadamente.

CAMPUS - E esse negócio de computador?

BIBLIOTECA - Dentro de um ano contarei com a colaboração de um computador do Centro de Processamento de Dados, para controle da bibliografia e empréstimo, principalmente.

CAMPUS

JORNAL LABORATÓRIO DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

EQUIPE: Célio de Nadei da Silva, Ernani Henning, Geraldo Costa Manso Filho, João Ozório de Melo, José Carlos Lucas, Luiz Antônio Coutinho, Maria Clara Novaes, Maurício Goldenberg, Nelci Maria Stein, Nena M. M. P. Lima. Colaboradores: Caci Maria Santos e Carlos Magno F. Franci.

As artes industriais em Tróia e Creta

Homero conta na *Iliada* como os gregos, após uma longa e notável navegação, lutam em torno da cidade de Tróia e dela se apoderam.

A descoberta desta antiga cidade é mérito da inteligência, perseverança e dos exaustivos trabalhos do alemão Henrique Schliemann. O historiador alemão Em Mayer, a respeito de certos erros cometidos por Schliemann, quando das primeiras escavações, assim se expressou: "Para a ciência ficou demonstrado ter sido altamente benéfico o procedimento não metódico de Henrique Schliemann no sentido de ir direto ao solo primitivo. Numa escavação sistemática dificilmente teriam sido descobertas as camadas mais antigas da colina e, com isso, essa cultura que designamos como a propriamente "troiana".

É sabido que Tróia se assentava sobre a colina de Hisarlik, na Ásia Menor, e que nela havia restos, nada menos, que de sete diferentes colônias.

A primitiva população troiana era formada, em sua maioria, por um povo que emigrou para ali desde a Trácia, povo este que uns três mil anos antes do nascimento de Cristo se situou no Helesponto e colonizou a região que se encontra nas proximidades de Tróia.

A "primeira cidade" de Tróia procede da época "neolítica". Nela foram encontrados restos de simples vasilhas de barro confeccionadas a mão, possuindo adornos lineares em sua parte exterior.

A "segunda cidade", antigamente considerada como a Tróia de Priamo, e que existiu entre 2.450 até 1.500 a.C., aproximadamente, nos deixou numerosos testemunhos de atividade artística. Conhecemos, por exemplo, vasilhas de bronze, uma espécie de cântaros com asas, também trabalhados em ouro, entre eles um grande tesouro, a que Henrique Schliemann denominou de "tesouro de Priamo". Os pendentis, pulseiras e diademas são formados por numerosas placas e filigranas de ouro. Serve de exemplo o diadema constituído por 16.337 peças, formando 90 cadeias. Estas cadeias estão afixadas, por sua vez, a uma cadeia principal de 52 centímetros de comprimento.

Trata-se, por conseguinte, de uma peça de adorno, que produzia em todos os movimentos de quem a levava um fulgor extraordinário, não podendo ser, entretanto, considerado como amostra de um excepcional sentido artístico.

O mesmo sucede com os colares de ouro e, também, com os vasos de ouro e prata, que são mais apreciados pelo valor do metal e pelo resplendor de suas facetas, que por sua especial forma artística.

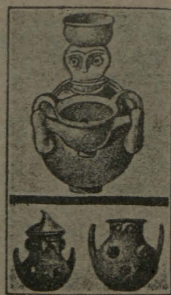
A cerâmica, pelo contrário, alcançou um progresso extraordinário. Podemos seguir, pelos descobrimentos resultantes das escavações, todos os passos de evolução da cerâmica.

No princípio, os vasilhames, sempre apresentando uma só cor, eram confeccionados a mão e polidos, em sua parte exterior, com o auxílio de uma pedra. Posteriormente, implantaram o torno e o forno. O torno, como parece óbvio, diferia muito daquele utilizado nos dias atuais. Consta de uma única peça que, movida a mão, distribuía o movimento circular. Com o auxílio do torno, dava-se um polimento na parte exterior do vasilhame. Após o polimento, o vasilhame era pintado e levado ao forno. Os vasilhames eram pintados, preferencialmente, num tom cinzento-azulado, roxo ou amarelo, tons que resultavam da aplicação de argilas coloridas, sob a ação especial do fogo.

Entre a variedade de formas sobressaem especialmente três: uma taça profunda com duas asas; um cântaro bojudo com duas asas levantadas que, na maioria dos casos não se unem ao gargalo, sendo uma espécie de "ânfora com coberta" e, finalmente, certos vasilhames que copiam o corpo humano, em que o tampo representa a cabeça, com os olhos, ouvidos, nariz e boca, e o recipiente o corpo, com as mãos e o umbigo. São as chamadas "urnas antropomorfas".

Com o passar dos anos desaparece gradativamente a figura humana dos vasilhames, adquirindo, finalmente, a pureza das formas próprias da cerâmica.

Os cântaros e muitos outros recipientes de argila apresentam adornos semelhantes aos motivos encontrados nos colares dos troianos. Esta analogia com o adorno dos colares desaparece pouco a pouco, introduzindo-se a



divisão da superfície externa dos vasos em campos ornamentais.

A antiga cerâmica troiana alcança seu desenvolvimento máximo na "sexta cidade". A argila é quase sempre de uma tonalidade cinzenta-azulada. Nesta fase, as urnas antropomorfas são cada vez menos frequentes, aparecendo, em compensação, outras formas que alcançam numerosas interpretações. As novas formas sempre apresentam uma só cor e carecem de

decoração pictórica. O adorno se obtém através do relevo, conseguido agora com linhas onduladas, produzidas mediante a aplicação de um instrumento, com o formato de um pente, sobre o vasilhame. Feito isto, coloca-se o vasilhame sobre o torno, obtendo-se a decoração desejada.

AS ARTES INDUSTRIAIS CRETO-MICÊNICAS

Desde o Sudeste do Mediterrâneo se estendeu um grupo que povoou o mar Egeu, as Cícladas e a Grécia, chegando pelo Norte até a Tessália. É a civilização "Creto-Micênica". Seu ponto central foi a ilha de Creta. As escavações de Henrique Schliemann em Micenas e Tirinto (cidades situadas na Grécia, na península do Peloponeso), especialmente as realizadas tempos depois em Creta e em outras ilhas do mar Egeu, nos dão conhecimento de uma multidão de monumentos que mostram de uma maneira ostensiva como as produções artísticas destas regiões se desenvolveram.

A cerâmica cretense alcança seu maior progresso e sua mais brilhante manifestação nos "vasos pintados de Camares", assim chamados porque as primeiras peças foram encontradas na caverna de Camares, em Faistos (Creta).

Os vasos aparecem recobertos com um verniz de tonalidade escura, apresentando graciosas pinturas nos tons roxo, amarelo e branco. Esta é a pintura de Camares em seus mais estreito significado.

Em sua maioria, os pintores de Camares seguem tendências: ou se apoiam no estilo com que até então trabalhavam os metais, ou tomam como modelo os objetos da natureza e os estilizam. Esses adornos zombarios e fitomorfos substituem os temas ornamentais da metalurgia.

Os oleiros cretenses concederam, aparentemente, pouca atenção ao formato dos vasos, razão pela qual é pouco importante sua riqueza de formas: cântaros com asas, ânforas, jarros, taças para bebida e vasilhas pontiagudas.

As vasilhas de maior tamanho serviam para a guarda de provisões. A ornamentação fitomorfa foi utilizada pelos oleiros cretenses com grande variedade de motivos. Quase sempre é possível reconhecer o modelo do qual foi tomado o motivo ornamental. Seus temas pertencem, equitativamente, à flora terrestre e à flora marinha. No que diz respeito aos animais, preferem os marinhos, os quais aparecem repetidamente como o maior atrativo da pintura dos vasos: conchas, estrêlo-do-mar e peixes-voadores. Estas formas se repetem amiúde, em união com plantas marinhas.

Ao lado dos simples vasos de argila aparecem produtos de porcelana, nos quais é abundante a representação de figuras femininas, como por exemplo a de "deusas" em companhia de suas servidoras.

Também são muito comuns as conchas, peixes e outros pequenos objetos de porcelana. As conchas eram utilizadas, geralmente, na decoração dos altares, enquanto as paredes eram decoradas com reproduções de peixes voadores.

A respeito dos descobrimentos de Henrique Schliemann em Micenas e Tirinto, muitas suposições foram feitas. Hoje, sabemos que na bacia do Mediterrâneo era Creta o Estado principal, cujo poder se estendia desde o mar Negro até a Espanha e desde a Grécia até o Egito.

Suas relações múltiplas explicam a presença de produtos estranhos junto a obras especificamente cretenses. Ao lado de Creta, a ilha do legendário "Minotauro", Micenas e Tirinto eram tão somente derivações de seu poderio e de sua cultura. Sua arte e sua indústria são cretenses, razão pela qual "micênico" vale tanto quanto cretense. Na esfera da metalurgia, as artes industriais cretenses alcançaram grande desenvolvimento. Conhecemos grande quantidade de obras, tais como diademas, braceletes, broches e colares, finamente trabalhados em ouro.

Também merece citação as taças de ouro, de forma simples e retílinea, com asas laterais unidas à base, e as pedras preciosas, grandes e pequenas, artisticamente trabalhadas. Assim aparecem as artes industriais cretenses, em um grau muito elevado de desenvolvimento.

Ele nasceu em Fortaleza, no dia 9 de agosto de 1925. Teve uma vida atribulada pois seu pai foi "cassado" pela Revolução de 30, transferindo-se com toda a família para o Rio de Janeiro. Muito jovem ainda, perdeu o pai e teve de deixar o curso pré-jurídico para enfrentar o "batente" nas mais diversas profissões: desde auxiliar de escritório até conferente de dados estatísticos.

Em 1951, começou seu grande trabalho: a "Lei da População", onde expõe sua concepção sobre filosofia da História (desenvolvimento, apogeu e decadência dos povos baseados na população). Atualmente, prepara o livro "Contos Essencialistas" e é justamente sobre isso que ele mesmo fala, na linguagem literária que utiliza e que ainda não tem similar em todo o mundo:

2 - Estilo telegramático: frases-telegramas sem conexões dispensáveis estilo oração. Palavras mais rápidas porque curtas, com menos sílabas, menos letras. Língua que exija menos de quem escreve e menos de quem lê:

4 - Usar página como tela cinema: a dividir, a seccionar, com textos paralelos indicando simultaneidade de ação ou diálogo. Texto dividido independente: se podem ler suas par-

UMA REVOLUÇÃO NA LINGUAGEM

Aqui, um exemplo do estilo de Pereira Lima. Um pequeno conto que dá, em profundidade, a essência de seu trabalho:

1 apurou ouvido. Não era possível. Quis seguir desconhecido cuja conversa tinha colhido em meio. Não podia: estava em cima hora assinar ponto. Frase tinha ficado seu ouvido: "... demissão Ministro da ...". Sómente isso. A caminho Ministério, antegozava notícia, antevia cara espanto colegas, alvorço se estendendo outras seções. Seria despertador da rotina burocrática adormecida, alvo atenção geral. Realmente 1 foi homem do dia: até diretor veio para o ouvir.

1 disse que seu Ministro ia ser demitido. Não esclareceu final frase ouvida podia ser Ministro Educação - seu Ministério - ou Viação. Não se incomodou com isso: afinal, pensou, responsabilidade é do boato, monstro anônimo de que não se conhece pai, que não se pode prender, responsabilizar. Boato sobrevive quando afeta interesse geral, de muitos eus, quando há predisposição coletividade: esperar, daquilo que se deseja muito, que não se realiza inda vive, portanto, no Eu, sujeito a vós imaginação de cada um, que o modifica, o aumenta, lhe dando mais atração.

1 sorriu intimamente com cara fingida despreocupação e descrença seu diretor, o qual se retirou para gabinete e, só, deu largas à preocupação. Ficou pensando como iria viver sem gratificação chefia, fazendo cálculos orçamento, etc.

- Sabes duma coisa? Segrêdo. que confio, ficará sòmente entre nós dois: nosso Ministro vai cair...

1 sentiu choque: então conversa tinha ouvido pela manhã era verdade! Rapidamente, querendo idas restos brilhar ter sido homem do dia, foi far boarde se reuniam amigos e colegas. Lá, propalou novidade. Sensação. 11, seu cunhado, também funcionário, dia seguinte propalou boato seu Ministério: de continuo em continuo (não há veiculo mais adequado pra boato porque continuo, como toda profissão em que se fica parada, somente esperando, vive de conversa pra encher tempo), noticia chegou gabinete Ministro.

13, oficial gabinete, pressuroso em parecer mais bem informado que outros chefes gabinetes, ou sabedor talvez de uma das formas mais antigas de se ter a graça dos poderosos é pelo ouvido, diz ao Ministro:

- V. Exa sabe da ultima? Seu colega Ministério Educação vai ser exonerado...

S. Exa. fingiu não dar importância ao seu auxiliar ou pra dar amostras de que notícia não o tinha abalado. S. Exa., logo se viu só; raciocinou: se seu colega ia ser demitido - um dos Ministros mais cotados - era porque Presidente

SOMENTE A ESSÊNCIA DA OBRA: ELIMINAR TUDO DESNECESSÁRIO; NOMES
PERSONAGENS, FATOS SUPÉRFLUOS, PALAVRAS EM EXCESSO. PALAVRAS SÃO
PAPEL-MORDEIA, SENDO ESSÊNCIA PROSA SEU LASTRO-OURO. NÃO INFLAÇÃO;
MUITAS PALAVRAS PRA POUCA ESSÊNCIA.

S. Exa. telefonou demais colegas, atribuindo responsabilidade não ao boato impessoal e incastigável, porém ao seu auxiliar (que seria culpado de tudo, pra isso servem auxiliares, pensou ele), pra dar mais foros verdade ao que afirmavam.

Boato já mais enobrecido entrou no Palácio Presidente. Este ouviu de seu chefe de gabinete o qual, também, pra dar mais força ao que afirmava, disse ter ouvido do Ministro X e também porque, se não fosse verdade, quem sofreria seria o Ministro, não ele (esse Ministro lhe era antipático, não tinha recebido um seu parente recomendado para uma sinecura em seu Ministério).

Presidente sorriu ao ouvir boato: tinha descoberto então porque em seu último despacho com todos os Ministros, Ministro X estava deprimido. Presidente ficou preocupado porque realmente há algum tempo

Será se traiu por gestos ou alguma frase impensada? Engolfado nesses pensamentos, Presidente foi procurado por seu líder da maioria no Congresso que já tinha ouvido conversa, através telefonema, do Ministro seu protegido, preocupado em saber o que havia de verdade.

Ministro lhe tinha dito que boato já estava nas ruas, todo mundo já sabia que mudança não era dum Ministro porém de todo Ministério. Líder aconselhou Presidente:

- Se isso já é do domínio público, melhor V. Exa. precipitar acontecimentos porque assim V. Exa. não dará braço a torcer, dizerem foi pressionado pela oposição e mudar diretriz seu Governo.

Duma conversa ouvida pela metade, cai todo um Ministério"

1) Você tem carro?
() sim
() não

2) Onde você mora?
☐ Asa Sul
☐ Asa Norte

3) Morando na Asa Norte, onde você pega condução para vir à UnB?

() W/3 Norte
() L/2 Norte
() Eixo

4) Morando na Asa Sul, onde você
pegará condução para vir à UnB?
() W/3 Sul

() L/2 Sul
() Eixo

5) A que horas você deve chegar na UnB?

() entre 7,00 e 8,00 horas
() entre 8,00 e 9,00 horas
() entre 9,00 e 10,00 horas

6) A que horas você volta para casa?

() entre 11,00 e 12,00 ho-
ras
() entre 12,00 e 13,00 ho-

() entre 13,00 e 14,00 ho-
ras

7) Se você estuda a tarde, a que horas deve chegar na UnB?

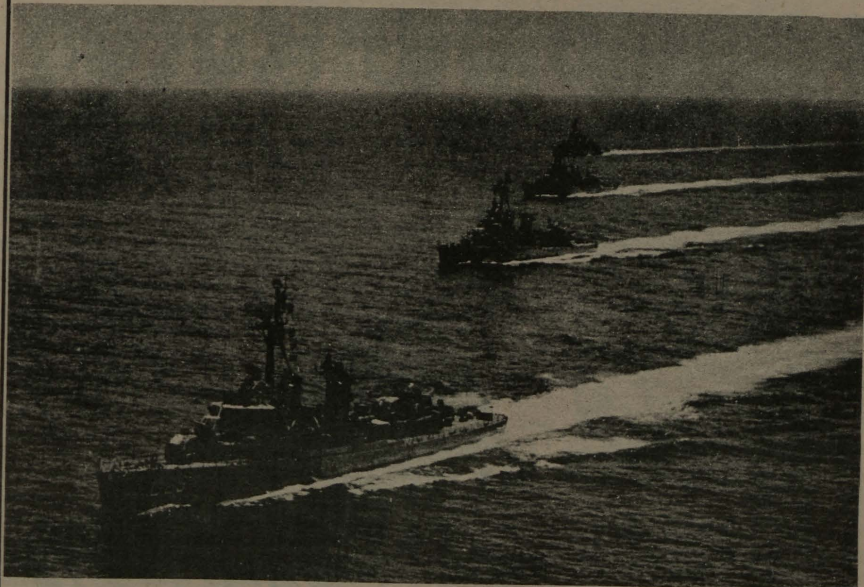
() entre 13,00 e 14,00 ho-
ras
() entre 14,00 e 15,00 ho-

() entre 15,00 e 16,00 ho-
ras

8) A que horas você volta para casa?

() entre 15,00 e 16,00 ho-
ras
() entre 16,00 e 17,00 ho-

() entre 17,00 e 18,00 ho-
ras



200 milhas: o primeiro passo para a Antártica

Por que 12, 20 ou 200 milhas? Sabemos que não existe nenhum tratado internacional a respeito do limite de mar territorial. Em princípio, essa medida era dada em termos do alcance de um tiro de canhão, equivalendo a mais ou menos três milhas. Era simplesmente uma questão de costume. Mas, à medida que o progresso foi se acentuando, ficou sem procedência o hábito de três milhas, quando um canhão já alcançava muito mais. E, quando um determinado país adotou 12 milhas, foi tomado como exemplo por muitos outros, tornando-se assim uma medida padrão, sem que nada tivesse sido estabelecido.

Como não houvesse nada que impedisse, alguns países que têm na pesca uma das principais fontes de divisas, aumentaram seu mar territorial para 200 milhas. Como bom exemplo disso temos o Peru, que após estender seu mar territorial, aumentou sua renda.

E enquanto outros países fazem o mesmo, a ONU convocou para 1973 uma reunião a fim de que seja debatido o problema.

Por sua vez, o Brasil decretou no ano passado o aumento de seu mar territorial para 200 milhas (370Km), decreto este que entrou em vigor em maio deste ano. E, invocando precedentes brasileiros, Serra Leoa, país da costa africana, aumentou seu mar territorial no dia 11 de junho também para 200 milhas.

INTERESSES BRASILEIROS

PROTEÇÃO À FAUNA MARINHA - Considerando-se que a pesca é uma das fontes de renda mais importantes para alguns estados brasileiros, a declaração das 200 milhas torna-se uma medida muito importante. Mas, ao invés de proibir a exploração pesqueira por estrangeiros o Brasil poderá solucionar juridicamente o problema, através de acordos que prevêm o pagamento de taxas por tonagem/pesca.

QUESTÃO ESTRATÉGICA

Surge aí o problema de que, com extensão da nossa costa, venha a redu-

zir-se a mobilidade dos submarinos nucleares que navegam nos mares brasileiros, transportando os estratégicos foguetes Polaris. Os Estados Unidos e países aliados receiam que o exemplo do Brasil traga seguidores, como já aconteceu com Serra Leoa, podendo atrapalhar assim a transação das frotas americanas. Mas isto pode ser solucionado, desde que se adotem critérios que reconheçam na frota americana a condição de aliada do Brasil. "Parece lógico que a Marinha americana possa desfrutar de prerrogativas particulares, uma vez que o nivelamento de todos os países a deixaria em igualdade de condições com a Marinha Soviética". (Revista VEJA N° 145)

QUESTÃO DA ANTÁRTICA

O decreto das 200 milhas constitui o primeiro passo para a declaração de soberania sobre a parte que nos cabe na Antártica. Conquistando estas 200 milhas, o Brasil começa a se impor perante as nações da América Latina, podendo assim, rapidamente, chegar ao domínio da Antártica.

Desde que se soube que a Antártica não é tão somente aquele continente gelado, desde que se tomou a existência de enormes reservas de carvão, possivelmente cobre, prata, ouro, petróleo, e urânio, foi despertada a cobiça dos países que ali teriam direitos.

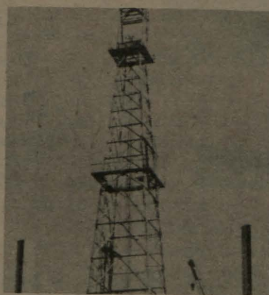
Além disso, há o valor estratégico do Estreito de Drake. Hoje, 14 nações reivindicam seus direitos sobre a Antártica.

INFORME SOBRE A ANTÁRTICA

A Antártica é um enorme bloco de terras emersas sob espesso manto de gelo, com cerca de 14 milhões de quilômetros quadrados de superfície e temperatura média de 25° abaixo de zero, descendo no inverno a 70° negativos. A Antártica liga-se à América do Sul por uma série de ilhas e arquipélagos que, desenhando um arco para oeste atingem a Terra de Graham.

Foi o interesse econômico, porém, que deu origem às diversas reivindicações apresentadas por um número sempre maior de nações. Sete chega-

ram a emitir decretos e cartas, patentes de anexação de trechos do Sexto Continente aos seus respectivos territórios; mais de uma vez porém, o

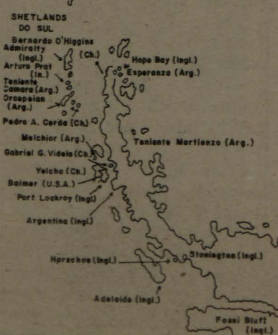


mesmo ponto foi anexado por mais de uma nação.

De uma conferência realizada em Washington, em 1959, foram tomadas duas resoluções: a que diz respeito à cooperação internacional na investigação científica e a proibição

ORCADAS DO SUL
ORCADAS (Arg.)
Base H
I. Signy (Ing.)

OCUPAÇÃO DA
PENÍNSULA
ANTÁRTICA



do uso da região para fins militares. Na Antártica, já se acham instaladas estações para estudos meteorológicos, ionosféricos, cósmicos e magnéticos.

PRINCÍPIO DA DEFRONTAÇÃO

Ao reivindicar sua parte na Antártica, o Brasil baseia-se no critério de defrontação, que dá direito aos países que se defrontam com o Continente Branco, a decretar sua devida soberania, e que caberia, no caso, ao Brasil, o território compreendido entre os Meridianos do Arróio Chuí e de Martim Vaz, o que pode-se verificar no mapa apresentado.

Convém lembrar, que na partilha do Polo Norte, foi adotado este mesmo critério.

Sobre nosso direito na Antártica, ressaltamos o trabalho que vem sendo feito, através de discursos na Câmara e artigos publicados pelo deputado Euripedes Cardoso de Menezes, presidente da Comissão de Educação e Cultura da Câmara Federal. "Insisto em afirmar, que, após o patriótico Decreto das 200 milhas, nada nos impede de fazer o nosso Decreto da Antártica, ou pelo menos uma declaração oficial a respeito de nossa legítimas pretensões.

Não assinamos nenhum Tratado que proíba a nossa Marinha, como fez em relação à Ilha da Trindade, de reconhecer e ocupar o que, pelo direito de defrontação, nos deverá pertencer.

Esse critério, de defrontação, já é aceito pela África do Sul, Nova Zelândia e Austrália. Aceita-lo-iam, certamente, as demais nações do Hemisfério Sul. Eis aí uma bandeira a ser desfraldada pelo nosso representante na ONU; tanto mais que, afastada por inexistência a proposta da Suécia e da Índia em prol da internacionalização da Antártica, é a do critério de defrontação a única solução pacífica, coincidente, também, com os interesses do Brasil". São palavras do deputado Cardoso de Menezes.

INTERESSE CIENTÍFICO

Talvez a existência de urânio em grande quantidade seja um dos principais motivos do crescente interesse de tantas nações pela Antártica. E que o precioso metal é tido hoje como o primeiro combustível nuclear, o que lhe aumenta o valor do ponto de vista científico, tecnológico, econômico e político. Todas as centrais nucleares, produtoras de energia elétrica, são alimentadas pelo urânio, indispensável também aos reatores de pesquisa, à propulsão nuclear-naval, aos satélites, aos mísseis, aos aviões supersônicos e aos grandes computadores eletrônicos.

APROVEITAMENTO DA ANTÁRTICA

Tudo leva a crer na possibilidade de se transformar a Antártica num novo "Mediterrâneo do ar", tão estratégica a sua posição para os aeroportos do futuro. Se são hoje tão importantes as bases localizadas no Ártico, por que não se dará o mesmo, dentro em breve, com a Antártica?

Considera-se ridícula hoje a alegação de que não é possível a vida na Antártica. Também não o era há 40 anos no Ártico Soviético; mas hoje é, graças aos moinhos de vento produtores de calor. E já é possível a navegação sazonal na grande rota do norte.

Em certa região da Antártica, onde é de apenas dez graus abaixo de zero a temperatura no verão, já se planeja a construção de um hotel de turismo.

Segundo observadores, dentro de aproximadamente oito meses estaremos decretando nossa soberania na Antártica. E isto não só nos trará uma riqueza imensa em carvão, ouro, prata, petróleo e urânio, como também nos fortalecerá indiscutivelmente a posição estratégica. Será, de resto, o único modo de se chegar a uma solução pacífica para o problema.

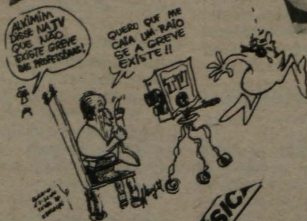
A pesquisa na comunicação de massa

Saboreie
maravilhas da Escócia
qui está seu Passp

Passe o carnaval
com o seu
escocês favorito

Opinião é opinião

Quem é você?



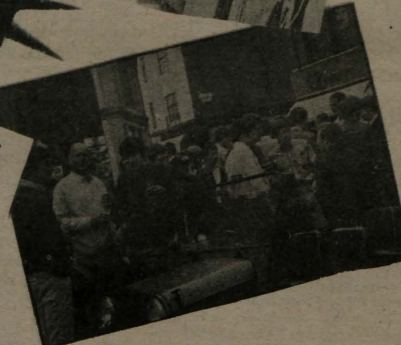
MÚSICA



TELEVISÃO

Telecomunicações

Ao seu lado temos outra:
a mais moderna
destilaria da região.
Por isso, conseguimos
c que queríamos.
Um scotch leve mas, com
um sabor audacioso,
marcantemente escocês.
Passport é a nossa maneira
fresca de lhe oferecer.



"Nossa esperança é de que, a partir de agora, os cursos de comunicação passem a atuar de maneira definida e efetiva na formação de profissionais capazes não só de entenderem a importância da pesquisa, mas de serem eles mesmos os promotores e executores de projetos nessas áreas", disse o professor Marco Antônio Rodrigues Dias, chefe do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, na abertura do I Seminário Nacional de Pesquisa em Comunicação de Massa e Mudança Social.

A frase mostra a importância do encontro, realizado na Universidade de Brasília, em promoção conjunta com o Serviço de Informação dos Estados Unidos (USIS). O seminário teve como principal objetivo promover a atividade de pesquisa entre os estudantes de comunicação de massa, abrindo um

campo ainda muito restrito no Brasil. Nossas faculdades de comunicação não promovem esse setor de estudos, tão importante quanto o jornalismo gráfico e eletrônico, a publicidade ou as relações públicas. Algumas de nossas escolas ainda estão na fase de somente preparar - mal - pessoal para trabalhar em jornais, deixando de lado até mesmo a televisão, o rádio e o cinema.

Participaram do seminário mais de 100 estudantes de 9 estados e de Brasília, alunos de 14 faculdades de jornalismo e comunicação e de uma escola de desenho industrial. Os estudantes representavam 3 faculdades da Guanabara; duas do Rio Grande do Sul; duas de Minas Gerais; e os cursos de comunicação do Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Goiás e Paraná. De Brasília, participaram estudantes da UnB e do CEUB. Em caráter ofi-

cial, 51 estudantes participaram do encontro. Destes, 11 eram da UnB. Só do Rio Grande do Sul, vieram 27 estudantes da Universidade Federal, na condição de ouvintes. As conferências foram feitas pelos pesquisadores Daniel Lerner, dos Estados Unidos; Juan Dias Bordenave, paraguaio; e Luiz Fonseca e Amauri de Souza, brasileiros.

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA

O professor Marco Antônio salientou que o trabalho de pesquisa nas escolas de comunicação raramente vai além dos trabalhos de análise de conteúdo de jornais ou revistas, em que o aspecto quantitativo é usado sem se ter em vista a finalidade da utilização desse processo. "Em determinadas áreas da atividade comercial e industrial - disse Marco Antônio - nota-se uma preo-

cupação mais intensa com o estudo da motivação da opinião pública, com a análise dos fatores que levam a população a preferir um produto a outro, a verificar qual a influência dos veículos de comunicação nessa preferência, a saber como e quando jornais, rádios e televisão realmente modificam um comportamento".

Não se trata de negar a importância da análise de conteúdo, nem da pesquisa de opinião, mas reduzir o campo de pesquisas em comunicação a somente isso não nos levará a nenhuma conclusão mais profunda sobre o papel dos meios de comunicação de massa na mudança social e sua capacidade de acelerar o desenvolvimento de um povo. É necessário - disse - que se pesquise como a comunicação de massa poderá ser utilizada na mudança de

atitudes e na mobilização de todas as camadas da população para projetos específicos ou globais de desenvolvimento integrado do país.

É de opinião o professor Marco Antônio que, em um país em desenvolvimento, como o Brasil, existem inúmeros obstáculos para a superação das incompreensões e o início de um trabalho mais sério em comunicação, área ainda pouco explorada e considerada por alguns como de pouca expressão e nenhum alcance. "Os obstáculos, no entanto, existem para serem superados. Há muito trabalho a ser efetuado nesse setor. É necessário analisar a situação dos veículos de comunicação dentro de seu contexto social, verificando como se produzem em seu interior, as decisões".

Assim é que, no estudo do público, não basta saber quantos elementos da classe

"a" ou "b" ouvem tal emissora de rádio. É também necessário verificar a motivação do público e apurar qual o papel desempenhado em nossa sociedade pelos veículos de comunicação. A UNESCO vem destacando o papel dos órgãos de informação como principais promotores daquilo que se convencionou chamar "educação permanente". Para ampliar a faixa de pesquisas relativas à influência dos meios de informação sobre a sociedade moderna, aquele organismo internacional mantém 6 centros regionais dedicados à formação de profissionais no campo da pesquisa.

Estes centros funcionam em Estrasburgo, Quito, Manilha, Dacar, Beirute e África Oriental.

No entanto - disse o professor Marco Antônio - por uma falha de ótica muito compreensível, por ausência de recursos materiais e inexistência de pessoal qualificado em número suficiente, os trabalhos desenvolvidos até agora na área da comunicação têm tido, na América Latina, de modo geral, e mais particularmente no Brasil, um enfoque muito limitado. Por isso o seminário representou, segundo ele, "um marco na história dos estudos de comunicação no Brasil".

A PESQUISA AQUI NA UNB

O I Seminário Nacional de Pesquisa em Comunicação de Massa e Mudança Social coincide com a obrigatoriedade da inclusão no currículo dos cursos de comunicação da matéria "Pesquisa de Opinião e Mercadologia". Pela denominação, logo pensamos em pesquisa de opinião tipo "Ibope" ou "Marplan", ou então em análise de conteúdo tipo "fita métrica", como é comum em muitas escolas. Entretanto, o Departamento de Comunicação da UnB dá outro enfoque à matéria, bem mais amplo e científico. O Setor de Pesquisa do DC é integrado pelos professores José Salomão Amorim e Luiz Gonzaga Motta.

Atualmente, o Setor de Pesquisa está estruturando o "escritório de pesquisa", único dos laboratórios previstos pelo Conselho Federal de Educação para o funcionamento dos cursos de comunicação que ainda não foi instalado na UnB. Após realizar pesquisa que está servindo de base a uma campanha publicitária para a Secretaria de Finanças do Governo do Distrito Federal, aquele setor se prepara para executar, em Goiás, através de convênio com o Ministério da Agricultura, uma pesquisa para apurar a penetração dos veículos de comunicação no interior do Estado.

Pode-se dizer que o seminário

foi uma decorrência da preocupação do Departamento de Comunicação em estudar comunicação sob o ponto de vista científico. Há cerca de 3 anos essa preocupação existiu aqui na UnB, mas diversos fatores obrigaram a interrupção da experiência. Nesta época iniciou-se em Brasília o estudo de comunicação com enfoque de ciência social. Aqui esteve o professor Ramiro Samaniego, responsável pelo setor de Pesquisas em Comunicação, do "Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para la América Latina", com sede em Quito. Chegamos a fazer algumas pesquisas, inclusive uma sobre "Imigração e Meios de Comunicação em Brasília", que tentava mostrar em que medida existia nas pessoas que imigraram para Brasília um sentimento de identidade com a cidade, e como os meios de comunicação estavam contribuindo para criar este sentimento.

Agora, a UnB pretende retomar o estudo da pesquisa. E o professor Salomão Amorim quem diz: "as faculdades de Comunicação têm tradicionalmente estudado "comunicação" sob um enfoque literário, não é nem artístico, um conceito mais abrangente. Há muito é necessário corrigir essa perspectiva. É preciso tratá-la, primeiramente, através de uma aproximação dos problemas de comunicação com a manipulação de conceitos de arte em geral, pois comunicação envolve muito mais coisa do que literatura. O comunicador precisa ter um instrumental que inclua, além da habilidade de lidar com palavras, também uma capacidade de manipular linguagem áudio-visual: a linguagem da televisão, das artes gráficas, do cinema. Além disso, é preciso tratá-la sob o enfoque de Ciência Social. Esta é a única maneira de respondermos a problemas que mais cedo ou mais tarde serão colocados para uma sociedade em fase de transição, como é a brasileira".

De que maneira os meios de comunicação de massa podem ajudar no desenvolvimento do país? Qual o projeto de TV educativa mais adequado para o Brasil? Que meios de comunicação são mais eficientes para levar as populações rurais a adotar novas técnicas agrícolas, ou novas práticas de saúde? Estas são algumas das perguntas que as pesquisas em comunicação ajudariam a responder.

COMO FOI

O Seminário constou de 6 conferências, e os participantes realizaram dois trabalhos em grupo, sob a coordenação dos conferencistas. Daniel Lerner, há



19 anos professor de Sociologia, Comunicação e Ciência Política do Instituto de Tecnologia de Massachussets, falou nos três dias do seminário, sobre "A comunicação, a mudança e o desenvolvimento social".

O primeiro conferencista foi o paraguaio Juan Dias Bordenave, que está há 10 anos no Brasil. Ele tem o mestrado em jornalismo agrário pela Universidade de Wisconsin, e o doutorado em Comunicação pela Universidade de Michigan. Já proferiu cursos e palestras em quase todos os países da América Latina, e atualmente é especialista em comunicação do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas da OEA, com sede no Rio de Janeiro.

Sua conferência foi sobre "A pesquisa em comunicação, planejamento, definição de objetivos, conceitos e limitações". Explicou o processo científico da comunicação, destacando a importância da forma como se transmite uma mensagem e como ela se integra no indivíduo. Segundo ele, os valores, crenças e conhecimentos anteriores de cada pessoa influenciam na



recepção da mensagem, podendo mesmo alterar seu significado. Citou um exemplo de sua experiência pessoal: em La Plata, na Argentina, ele mostrou a um "hippie" um cartaz no qual estava escrito "Faça a guerra, não faça o amor", para que o olhasse durante 2 minutos, após os quais perguntou-lhe o que havia lido. "Uma mensagem de paz", respondeu o "hippie". "O novo nome do ensino moderno é pesquisa; deve ser assim, pois a pesquisa obriga o aluno a pensar, constatar a realidade e tentar resolver problemas", disse Bordenave.

Luiz Fonseca, outro conferencista, é agrônomo, tendo também o mestrado em jornalismo agrícola e o doutorado em Comunicação por Wisconsin. Durante 4 anos ele foi professor do curso de pós-graduação em Comunicação da Universidade de La Molina, no Peru, e está no Brasil há pouco mais de um mês, participando de projetos da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural - ABCAR - como especialista em comunicação rural. O professor Luiz Fonseca defendeu, em sua palestra - "Hipóteses, variáveis, operacionalização de variáveis" - a criação de um Centro Nacional de Comunicação, para definir os principais projetos necessários ao Brasil, organizá-los e desenvolvê-los, e funcionar, ao mesmo tempo, como uma escola de capacitação profissional para professores e alunos de todo o país. O Centro poderia ser vinculado à FAO, organismo da ONU para a alimentação e agricultura, e funcionaria em uma das universidades do país.

"Técnicas de amostragem e questionário, a aplicação de técnicas estatísticas e o uso do computador", foi o tema da conferência do professor Amauri de Souza, formado em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais, e doutor em Ciência Política pelo Instituto Tecnológico de Massachussets. Ele é autor de vários trabalhos em pesquisa na comunicação, e editor da revista "Dados", especializada nesse campo.

Em um dos trabalhos em grupo, os estudantes formularam hipóteses acerca de problemas por eles definidos, tentando formular uma preparação para a pesquisa. "O nível sócio-econômico e a faixa etária condicionam o gosto musical do público urbano de rádio", "quanto maior a divulgação, maior o consumo de entorpecentes", "a revista Veja não é lida por grande parte dos universitários", foram alguns dos problemas e hipóteses definidos pelos participantes do seminário. Em outro trabalho, os participantes do seminário fizeram uma pesquisa sobre audiência de televisão pelo público universitário.

Em um dos trabalhos em grupo, os estudantes formularam hipóteses acerca de problemas por eles definidos, tentando formular uma preparação para a pesquisa. "O nível sócio-econômico e a faixa etária condicionam o gosto musical do público urbano de rádio", "quanto maior a divulgação, maior o consumo de entorpecentes", "a revista Veja não é lida por grande parte dos universitários", foram alguns dos problemas e hipóteses definidos pelos participantes do seminário. Em outro trabalho, os participantes do seminário fizeram uma pesquisa sobre audiência de televisão pelo público universitário.

A EXPERIÊNCIA DE LERNER

Pelas conferências de Daniel Lerner, os participantes do encontro tomaram contato com as pesquisas realizadas por ele na década de 50, com uma equipe de 20 cientistas, nos países do Oriente Médio. Neste estudo ele tentou mostrar como as velhas culturas da Turquia, Irã, Síria, Líbano e outros países daquela região estavam reagindo ao impacto da industrialização e, especialmente, como os meios de comunicação estavam influenciando essas sociedades tradicionais.

O estudo de Lerner ainda não traduzido para o português - o original chama-se "The passing of traditional societies" - é hoje um ponto de referência obrigatório para quem estuda comunicação e sua relação com o desenvolvimento. A vinda a Brasília do pesquisador norte-americano permitiu tornar mais conhecido o seu trabalho, além de abrir uma possibilidade maior de intercâmbio com os centros de pesquisa em comunicação dos Estados Unidos.

Lerner destacou três revoluções da Comunicação. A primeira - imprensa - levou mais de 300 anos para se tornar parte do sistema urbano e social. A segunda - áudio visual - levou 50 anos. A terceira, iniciada há 10 anos é a revolução dos transistores e satélites. "A mobilidade é a chave para a mudança social. E os meios de comunicação de massa contribuem para essa mobilidade", conclui Lerner.

O QUE É AMOSTRAGEM?

O I Seminário Nacional de Pesquisa em Comunicação de Massa e Mudança Social foi um estímulo para despertar o interesse dos estudantes de comunicação, de vários estados, para essa área de estudos. De modo geral, os talentos das faculdades estão sendo canalizados para a televisão e o cinema, meios que, mais modernos, têm um grande atrativo.

O encontro de Brasília mostrou um aspecto da comunicação ainda desconhecido em muitas escolas, e pouco explorado em outras. É verdade que a maioria das faculdades de comunicação ainda não se encontram preparadas para dar à pesquisa o tratamento devido, por vários fatores, que podem ser a falta de material humano, devido à distância dos grandes centros, até mesmo a falta de visão do que é Comunicação, comumente tomada como sinônimo de jornalismo. Para se ter uma idéia: um estudante, de outro estado, ao ouvir o conferencista falar um termo estranho, perguntou: "o que é amostragem?"

Televisão Educativa: Experiências na Europa

José Antônio Carvalho D'Arrochela Lobo é professor de Televisão I e II, além de Produção e Emissão de TV, no Departamento de Comunicação da UnB. Aproveitando período de férias acumuladas, deu um pulo à Europa, observando o que está sendo feito por lá em matéria de televisão. Nesta reportagem, ele conta tudo que observou e aprendeu nos seis meses de sua visita.

Quais as estações de TV onde você estagiou?

A primeira parada foi na Televisão Educativa portuguesa-IMAVE - para observação dos sistemas de produção e avaliação, constituindo este último o ponto alto da experiência de Portugal. "Um Madureza de primário" seria a denominação para o programa português de TVE. É um projeto que cobre todo o país com o objetivo de preparar o tele-aluno para os exames ao liceu (o nosso ginásio). O sistema está fundamentado na existência do teleposto, onde os alunos assistem às aulas com a supervisão de um monitor. Periodicamente realizam provas que são corrigidas por computador.

Em seguida, França, onde estagiei durante mais de três meses na Televisão Educativa e na Rádio Televisão Francesa (ORTF). Na França existe o monopólio estatal da TV, operando com dois canais (o primeiro canal atendendo aos gostos mais populares e o segundo para um público mais sofisticado). Na França, a produção de TVE foi entregue ao Ministério da Educação, o que vale dizer que a orientação é dada por professores e é realizada pelo Serviço de Televisão Educativa do Instituto Pedagógico Nacional. O programa de TVE francês compreende três níveis: programas para os alunos, programas de reciclagem (atualização) de professores e programas de promoção de adultos. Os programas para os alunos são elaborados para recepção na sala de aula como complementação à matéria exposta pelo professor, não havendo programação para recepção livre, executando-se as emissões da "RTS Promotion" (promoção de adultos), que são concentradas nos fins de semana.

Na ORTF (Rádio Televisão Francesa), procurei assimilar da melhor maneira possível o sistema de produção de TV, a famosa "escola francesa", através da observação ao vivo de ensaios e gravações dos diversos tipos de programas (noticiários, dramas, variedades, debates, musicais), entrevistas com realizadores e assistentes, contato com a audiência.

Da França fui para a Inglaterra onde durante dois meses estagiei na BBC e ITV (televisão independente), além de visitar os principais sistemas de TV em circuito fechado das universidades inglesas, e centros de pesquisa em Televisão e Comunicação de Massa.

Na Inglaterra coexistem a Televisão estatal (BBC) com dois canais e a Televisão Comercial (ITV) com um canal, mas já pleiteando o segundo. O primeiro canal da BBC e o canal da Independente cobrem toda a Inglaterra e o segundo canal da BBC alcança atualmente cerca de 85% do território. As duas organizações promovem programas de TVE, em coordenação com os Conselhos Educacionais, mas sem qualquer subordinação a eles. Embora também possuam programas para os professores e programas de promoção de adultos, a parte mais desenvolvida é a TV-Escolar, suplementando as aulas regulares.

Qual o seu campo de estudo durante esse tempo?

A estrutura da TV nos principais países europeus, os diversos sistemas de produção de TV e, particularmente, contato com a TVE desses países.

Poderia fazer uma avaliação da TV dos países onde esteve?

Está e uma pergunta bastante abrangente que escapa um pouco às limitações de espaço de uma entrevista. Entretanto, para não a deixar sem resposta e com o risco de erro pela generalização podemos dizer: em Portugal, dois canais, Televisão estatal, com esquema um pouco rígido, os noticiários um pouco monótonos, grande quantidade (reio) mesmo que predominância) de filmes estrangeiros, sobretudo as séries americanas de espionagem, policiais e aventura no Oeste. Com a particularidade de ainda usarem a legenda e não a dublagem, o que dificulta a compreensão. Recebem ainda vários programas da Televisão inglesa, sobretudo adaptações de peças de teatro e dramas em seriados. A produção local concentra-se nos informativos, programas de variedades, musicais e uma parte de dramas. Além da TVE, com a sua programação diária, de manhã e à tarde. Na França a televisão mais artística, se assim a podemos chamar. Como já dissemos, monopólio estatal, dois canais. A parte de cobertura jornalística é excelente, com as limitações políticas advindas do fato de ser estatal, o que procura compensar com uma cobertura permanente e em grande quantidade do panorama político internacional, onde a sua área de ação é maior. Muita ênfase também aos programas de entrevistas e debates, bem como aos documentários. Entretanto, é no setor de dramatizações e de variedades que aparece melhor o alto nível artístico da televisão francesa. Os programas de variedades acabam sendo iguais em todos os lugares quanto à fórmula, variando apenas a forma de realização, vindo-se na ORTF um cuidado maior com o bom-gosto além de recursos técnicos e financeiros bem superiores aos nossos. As dramatizações em geral se constituem em um programa de duração média entre uma hora e uma hora e meia. Muitas vezes, os textos são especialmente escritos para a televisão. Nos outros casos são adaptações de peças de teatro ou romances de sucesso. Em alguns casos a produção pode dividir-se em dois ou, raramente, três episódios. O nível dos textos é normalmente muito bom. Para exemplificar, uma adaptação do romance de Alexandre Dumas, "O Conde de Monte-Cristo", foi dividido em dois capítulos de aproximadamente uma hora e meia cada.

A novela, nesse estilo de flagelo de até um ou dois anos como nós possuímos, não é encontrada na Europa. O que eles produzem são séries, ou seriados que na França recebem o nome de "feuilleton", cuja duração dificilmente ultrapassa quinze a vinte capítulos. A média fica nos dez episódios. No campo dos policiais também realizam algumas séries, com a mesma duração. Por outro lado, também encontramos na televisão francesa, como na inglesa e nas demais, vários programas cafonas que não ficam devendo nada aos nossos da especialidade. Apenas não vemos por lá a exploração e a ridicularização da pessoa humana como é comum na TV brasileira.

Quanto à televisão inglesa, uma de suas características é a influência que recebe da TV americana, muito mais marcante do que nas outras pela similitude da língua. Assim além de receberem todas

aquelas séries de "enlatados", recebem também os grandes "shows" diversos programas humorísticos e grande parte de sua programação infantil. Deve-se ressaltar, entretanto, que é sobretudo a TV comercial (ITV) que lança mão dos programas americanos, por serem mais baratos, embora a BBC também se utilize deles com frequência.

Outro fator fundamental para análise da TV inglesa é a relação TV-estatal e TV-comercial. Até o surgimento da ITV, em 1957, a BBC era considerada emissora padrão e não fazia concessões quanto ao nível de sua programação, embora fosse, como aliás ainda é, administrada por um conselho do qual participam representantes de quase todas as classes sociais. No momento em que o público pôde escolher, quantitativamente, a audiência se inclinou sensivelmente para a TV-comercial, que oferecia pratos de mais fácil digestão e com melhor aparência. Isso acabou motivando uma alteração na política da BBC, com a criação de um segundo canal para atender a um público mais exigente, ao passo que a BBC-1 desidia o seu nível para aproximar-se da ITV. Mas, de qualquer forma, podemos afirmar que, em média, o nível da programação é bom. Duas coisas nos chamam imediatamente a atenção: o cuidado dispensado à cobertura jornalística, que se reflete na qualidade dos telenoticiários e a quantidade de programas dedicados ao exame e debate dos problemas da atualidade, com um grau de liberdade difícil de imaginar em se tratando de uma estação governamental. Possuem inclusive um programa semanal, embora num horário meio fim de noite, para debater a programação e a política da BBC. De um modo geral a situação se aplica também para a Televisão Independente. Quanto ao restante da programação, bastante ênfase ao teatro e a dramatização de textos de bom nível, em geral escritos especialmente para a TV.

O que lhe causou maior impressão no campo da TVE?

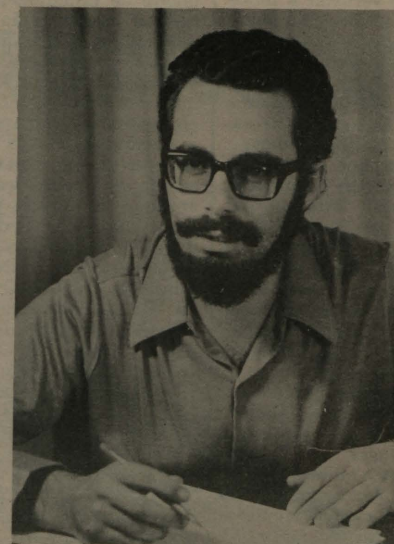
Sem dúvida alguma a experiência que está sendo feita na Inglaterra com a "Open University" (Universidade Aberta). Essa experiência consiste no oferecimento de cursos universitários inteiramente pela televisão, sem obrigação de recepção organizada, embora ela exista para aqueles que quiserem e tiverem condições de frequentar os telepostos. A Universidade Aberta foi inaugurada este ano com 25.000 alunos divididos em quatro Faculdades.

E a TV-comercial européia?

Na verdade, o modelo de Televisão mais difundido na Europa é o de TV-estatal, ou melhor, de economia mista, uma vez que a tendência parece ser no sentido de se permitirem anúncios mesmo nas estações do governo (é o caso das TVs francesa, italiana e portuguesa). Como exemplo de uma grande estação de TV comercial encontramos a Televisão Independente inglesa, a ITV.

Qual o grande nome da Televisão européia no momento e porque a sua fama?

Sem dúvida alguma o realizador da Televisão francesa Jean-Christophe Averty. Em minha opinião, o primeiro sujeito a fazer realmente TV, usando sua linguagem e recursos técnicos eletrônicos, impossíveis de se conseguir mesmo através do cinema. So para dar uma ideia: ele produz os seus programas num estúdio inteiramente vazio, sem cenário algum, e pintado de azul. Trabalhando cores e elimi-



nando o azul, deixa seus personagens suspensos no ar, incrustando-os depois nos cenários desenhados em pequenas folhas de papel. Os resultados que obteve, por exemplo, na montagem de "Ubu" e "Alice no País das Maravilhas" são fantásticos.

Do que aprendeu neste estágio, o que poderia fazer uso na TV-UnB?

Primeiramente, o contato com os diversos sistemas de televisão europeus foi extremamente útil para mim como experiência. Em relação ao nosso trabalho na TV-UnB, estou certo que o relacionamento que mantive pessoalmente com todos os principais circuitos fechados de TV das Universidades inglesas, me permite hoje uma visão bem mais ampla do que poderemos fazer aqui. Com uma vantagem: nos lugares onde estive o principal problema era pessoal humano, o trabalho de produção sempre feito por pequenos grupos. No nosso caso, face à condição de escola, é de se prever que não nos falte equipe.

Quais as condições de trabalho da TV-UnB, com os equipamentos que possui?

Essa é realmente a nossa maior dificuldade. Até agora temos feito possível com o mínimo de equipamento. Sobretudo, não possuímos peças de reposição, o que se torna bastante necessário após quase dois anos de funcionamento. Para este ano, entretanto, o Departamento obteve uma verba para aquisição de material para a TV, o que aumentará as condições de produção.

Qual o relacionamento entre o cinema e TV na Europa?

É muito maior do que imaginava. Na França, principalmente. Ocorre o seguinte: a televisão francesa, contrariamente à grande maioria das TVs, foi criada sob direção de um grupo de cineastas. A situação se manteve e hoje, a grande escola de cinema da França, o IDEC, é a via de acesso obrigatória à televisão francesa. Dessa forma, o esquema de produção da TV herdou muito da produção cinematográfica a tal ponto que encontramos na equipe de produção duas pessoas: o realizador (o nosso produtor) e a "script". O próprio realizador executa o "corte" deixando com a "script" a orientação das câmeras.

Devemos acrescentar apenas que essa situação apresenta por outro lado alguns problemas no momento em que se busca a definição das linguagens específicas aos dois veículos.

E a TV em cores? Existe realmente diferença entre o sistema alemão e os demais? As técnicas de produção preto e branco diferem muito da produção a cores?

Voltei convencido de que realmente o sistema alemão é o melhor, embora o francês também seja muito bom. A grande vantagem do

PAL (alemão, utilizado também pelos ingleses) é a facilidade de ajuste do receptor e a grande definição das cores. A produção, naturalmente, é inteiramente diversa. Podemos mesmo ensaiar uma analogia com a produção cinematográfica, no tocante aos aspectos artísticos. Entram problemas de vestuário, cenografia, iluminação, e sobretudo, composição plástica da imagem, no momento em que introduzimos a cor.

Os programas de TVE são a cores?

De um modo geral, não. A produção a cores é bastante cara e os recursos da TVE ainda insuficientes. Encontrei apenas alguma coisa a cores na programação vespertina para as crianças, para recepção em casa. Esse tipo de emissão não poderia mesmo ser preto e branco pois entra numa faixa repleta de excelentes desenhos animados, todos eles a cores. A TVE alemã é que realiza um maior percentual de seus programas a cores.

Qual o país que achou mais avançado em TVE?

Entre os que mantive contato, sem dúvida alguma a Inglaterra. Seu programa é vasto e executado com bons recursos técnicos e financeiros. Mais uma vez lamento não ter podido visitar a TVE alemã, mas, por alguns programas da TV-Educativa da Baviera, que tive oportunidade de assistir, posso afirmar que o nível é excelente. Durante a estada em Londres, pude ainda assistir durante 10 dias ao programa da TVE americana, o "Sesame Street". Esse, em termos de produção, é realmente fora de série.

Quais são os seus planos imediatos em relação à TV-UnB?

Quando resolvi fazer esta viagem à Europa, um dos principais objetivos era definir onde e com quem seria mais proveitoso para mim fazer o mestrado e, posteriormente, o doutorado. A ideia inicial era solicitar a orientação do Edgar Morin, mas em conserva que mantivemos, ele sugeriu-me que, face ao tipo de trabalho que pretendo realizar, o melhor seria inscrever-me na Sorbonne. E recomendou-me ao professor Jean Cazeneuve, sem dúvida o maior teórico francês da televisão, catedrático da Sorbonne, que aceitou ser o diretor da minha tese. Na ocasião da matrícula, discuti o tema que pretendo desenvolver, o qual ele aprovou. Dessa forma, deverei iniciar o trabalho imediatamente, uma vez que já estou inscrito para defesa de tese em novembro do próximo ano, na Sorbonne. Em relação à TV-UnB, a minha intenção é colocar em prática aquilo que tive a oportunidade de ver e que for possível de adaptação à nossa realidade. Vários são os projetos nesse sentido.

Loteria: a roda viva da ilusão

Primeiro, resolver todos os problemas financeiros. Depois, pensar em tudo aquilo que, anteriormente, não passava de um sonho dourado, impossível de se transformar em realidade: investir, uma bela casa, carros, iates. Uma viagem ao redor do mundo, quem sabe? Ajudar os parentes, nunca mais se preocupar com as necessidades do dia a dia. Frequentar os meios sociais. Ser gente bem.

Este, o retrato do brasileiro médico de hoje em dia, depois que a Loteria Esportiva passou a ser parte da vida diária de milhares deles. Não estão crescendo a cada dia que passa as filas diante dos postos que recolhem os volantes? Não cresce a cada semana o rateio final, o pote de ouro com que cada um sonha ganhar nesta, na outra ou numa semana qualquer?

Dizem que o brasileiro é um eterno sonhador. Por outro lado, se a Loteria Esportiva for bem analisada, poder-se-á chegar a uma conclusão: ela não passa de um dos meios mais eficientes e seguros de manter o brasileiro na esperança de continuar vivendo. Claro que a situação não chega a ser tão crítica assim. Ainda há gente que não liga a mínima para os volantes que, semanalmente, são distribuídos aos milhares aos possíveis ganhadores dos testes.

Você já deve ter ouvido de um companheiro, um conhecido ou uma pessoa da família dizer assim: "Não deu esta semana, dá na outra, ora bolas!"; "Olha, segunda-feira eu nem apareço mais por aqui, tá? Que que eu vou fazer aqui com um bilhão de cruzeiros no bolso?"; "Segunda-feira você pode me

encontrar na Europa, hein?" E vai por aí a fora.

A roda-viva da ilusão continua girando, fazendo sonhos, especulando a sorte, destruindo ilusões, incentivando os ganhadores em potencial dos bilhões. Cada brasileiro se acha o ganhador, não há como negar. Não pensa que as probabilidades são mínimas, afinal são milhares de pessoas que têm a mesma idéia, a mesma sensação de vitória antecipada. E se ele pensa nisso, dá um jeitinho de esquecer, não ligar para o fato.

OS MEIOS

A Sebastiana de Goiânia simplesmente foi botando as cruzinhas no volante e - de repente - tornou-se uma das mulheres mais ricas do País. Outro, jogou uma porção de ossos no chão e mandou que um cachorro fosse atrás deles. De acordo com o número de ossos que o animal juntava, o sujeito ia marcando. Uma outra mulher, lá em São Paulo, simplesmente inverteu o cartão de uma aposta anterior (que não tinha dado nem cinco pontos) e a sorte sorriu-lhe mansamente.

Aqui, em Brasília, um sargento do exército pediu que sua filha marcasse o volante. Quem é que duvida, hoje em dia, que as inocentes crianças, nada entendidas de futebol, são um dos grandes joguêtos da sorte? Inaugurada a moda, milhares ainda dão os volantes para a filha, a irmãzinha, a sobrinha e outras Sebastianas.

OS PALPITES

Geralmente, os primeiros jogos

são mais fáceis de se marcar porque a gente já conhece sua atuação em jogos anteriores. A gente dá uma espiadinha e sente que este ou aquele tem muita chance sobre o outro. No máximo da dificuldade, marca um duplo ou triplo, pra garantir, vocês sabem como é!

Mas aí começa o quebra-cabeça: do quarto ou quinto jogo em diante a coisa se complica. Aparecem times dos mais desconhecidos possíveis, brilhando na glória de sua participação e - de repente - engrandecidos porque a sorte de muita gente depende deles.

O recurso é gastar um dinheirinho extra e marcar um duplo ou triplo. E não são todos que têm este dinheirinho extra. Uma coisa está provada: a lógica futebolística está furada. Não adianta você dizer que "este time vai ganhar, ora se vai", porque grandes "zebras" estão acontecendo a cada semana e deixando muita gente coçando a cabeça e dizendo: "e não é que o danado me enganou?".

Aqui, um caso sério: quando você está com o volante na mão e já marcou, não há nada no mundo que faça você deixar de jogar. E ou não é? Você pensa: "se eu não jogar, pode ser que eu ganhe. Mas se eu jogar, pode ser que eu não ganhe". E entre as duas incógnitas, você prefere a segunda e manda brasa. Já pensou você fazer o jogo, deixar de levar na Casa Lotérica e, depois de tudo encerrado você fazer treze pontos? E aquele remorso e olhe que as consequências podem ser trágicas.

OS GANHADORES

A Sebastiana de Goiânia está pobre de rica: já comprou um Gála-

xie - à vista - mas ainda assim, com todo o dinheiro que tem, transformou-se numa mulher torturada, inquieta. (vide reportagem do "Jornal do Brasil", edição do dia 15/6/71). Os corretores não deixam a mulher em paz. Os pedidos dos amigos transformaram-se em um tormento. O medo de ser roubada ou ver seus filhos sequestrados é um suplício que aumenta a cada dia. Os cabelos brancos - símbolos universais da preocupação em demasia - estão nascendo em profusão.

Mas o brasileiro não tem jeito: quem é que não quer ser um atormentado com todo o dinheiro que a Sebastiana tem? Basta lembrar daquela frase célebre do Carlos Imperial: "Prefiro chorar num tremendo Karman-gia do que rir num ôni-bus". Tá, perfeitamente definido, o espírito imbatível do brasileiro.

O sargento de Brasília ganhou menos que a Sebastiana e está vivendo muito bem, obrigado. Investiu, comprou casa e tem um lucro mensal de alguns milhões. Quer dizer, está feito na vida.

Além desses, ainda há dezenas de outros ganhadores. Incógnitos mas felizes da vida. Nem se interessam que o público saiba que são.

E os outros, os que ainda vivem da esperança? Ora, a roda-viva continua girando. Apesar de, algumas vezes, o resultado das apostas ser uma pequena decepção (lembram-se daquela vez em que quase 900 pessoas acertaram um teste?) é compensador: nem que seja um premaiorzinho de 13 milhões. Afinal, pagou-se no máximo seis ou oito cruzeiros e o que quer já é lucro. Por falar nisso, você já apanhou o volante do próximo teste?

CEF - Caixa Econômica Federal
Loteria Esportiva
CONCURSO TESTE DE 26 e 27/6/71
Confira seu cartão, para não ser prejudicado.

Nome: _____
Endereço: _____

N.º DO CARTÃO: _____

TESTE **47**

Conheça as vantagens da nova CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. E as utilize em seu benefício.

HOMENOS DE APOSTAS: _____ À PAGAR: _____

Cr\$

CLUBE	EMPATE	CLUBE	INFORMAÇÃO
1	X	2	QUANTO
1 Botafogo	Flamengo	CR	
2 América	Botafogo	CR	
3 Flamengo	América	CR	
4 Palmeiras	São Paulo	SP	
5 Ferroviária	Port. Alegre	SP	
6 Atlético	Cruzeiro	MG	
7 Vila Rica	Al. J. Cruzeiro	MG	
8 Santos	Internacional	RS	
9 Vasco	Fluminense	SC	
10 Nacional	Fast Clube	AM	
11 Roma	Yana-Lua	PA	
12 C. S. Nogueira	C. R. Brasil	AL	
13 Treze F. C.	Botafogo	PR	



É Domingo, é Dia de "Hippie"

Cabelos longos, colares em excesso e roupas extravagantes: se tudo isso significa a existência de uma personalidade hippie, pode-se dizer que aos domingos, a Torre de Televisão abriga um bom número deles. Eles levam ao comércio vários objetos desde sandálias com solas de pneu, até quadros pintados a óleo, a preços bem acessíveis.

Aceitando basicamente o esquema de compra e venda, estes hippies candelas aceitam também, o fichamento, pois é necessário uma carteira, com validade de um ano, fornecida pelo DETUR. Essa carteira autoriza a expor os seus trabalhos naquele local.

Os chamados hippies são na sua maioria estudantes universitários, artesãos e senhoras que descobriram um meio de vencer a pesada rotina doméstica vendendo seus trabalhos aos domingos. A realização está na produção da obra e no aparecimento do freguês. O que menos importa é o preço, embora este aspecto não seja de todo esquecido.

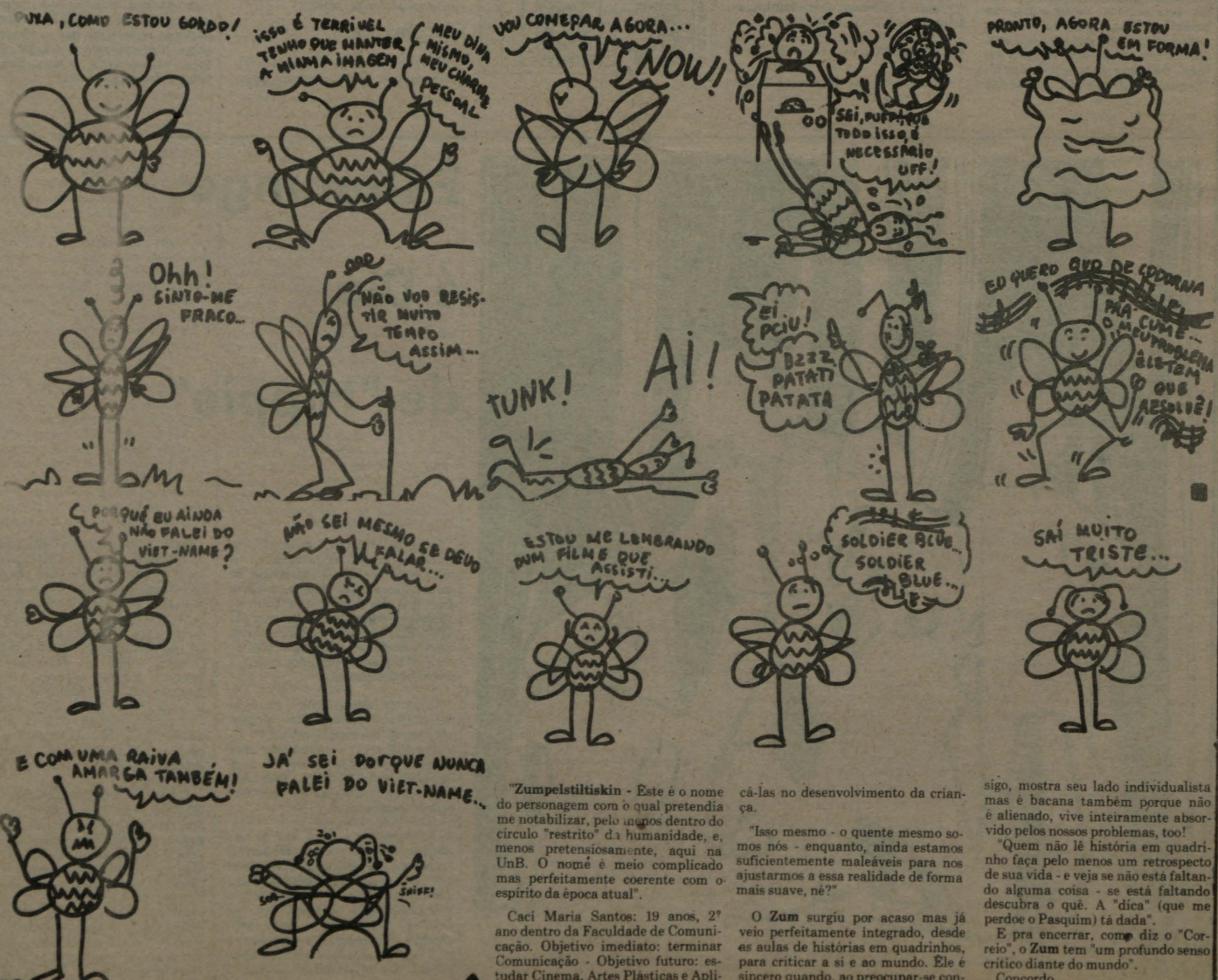
Estes nossos hippies têm horário de trabalho: chegam às oito horas e saem às seis da tarde. São cerca de 120 expostos suas obras, que chegam cedo para arrumar o local e prepará-lo para receber turistas e desavisados atraídos pelo comércio "exótico". Lá pode-se encontrar bolsas, cintos, sacolas, objetos de decoração em couro e cobre, colares, anéis, pinturas em tela, desenhos de bico de pena, xilogravuras, tudo vendido com fundo musical de uma vitrola que funciona durante umas dez horas tocando música "pop". Afinal, é preciso fazer uma "mis-en-scene" convincente.

Alguns estrangeiros participam da chamada feira hippie, todos latino-americanos. Argentinos, paraguaios, colombianos comparecem ao local e contribuem a seu modo com alguns objetos para serem vendidos. A feira que apresenta objetos difíceis de encontrar no comércio estabelecido de Brasília, antes de manifestação hippie funciona como meio de sobrevivência dos poucos e sempre mal remunerado artistas desta terra tropical.



Ele chegou de leve, e já está saindo da vida pública para dar lugar aos próximos que virão...

(êsse "bicho" curte um som que não é mole!)



"Zumpelstiltiskin - Este é o nome do personagem com o qual pretendia me notabilizar, pelo lugar dentro do círculo "restrito" da humanidade, e, menos pretensiosamente, aqui na UnB. O nome é meio complicado mas perfeitamente coerente com o espírito da época atual".

Caci Maria Santos: 19 anos, 2º ano dentro da Faculdade de Comunicação. Objetivo imediato: terminar Comunicação - Objetivo futuro: estudar Cinema, Artes Plásticas e Apli-

cá-las no desenvolvimento da criança.

"Isso mesmo - o quente mesmo somos nós - enquanto, ainda estamos suficientemente maleáveis para nos ajustarmos a essa realidade de forma mais suave, né?"

O Zum surgiu por acaso mas já veio perfeitamente integrado, desde as aulas de histórias em quadrinhos, para criticar a si e ao mundo. Ele é sincero quando, ao preocupar-se con-

sigo, mostra seu lado individualista mas é bacana também porque não é alienado, vive inteiramente absorvido pelos nossos problemas, too!

"Quem não lê história em quadrinho faça pelo menos um retrospecto de sua vida - e veja se não está faltando alguma coisa - se está faltando descubar o quê. A "dica" (que me perdeu o Pasquim) tá dada".

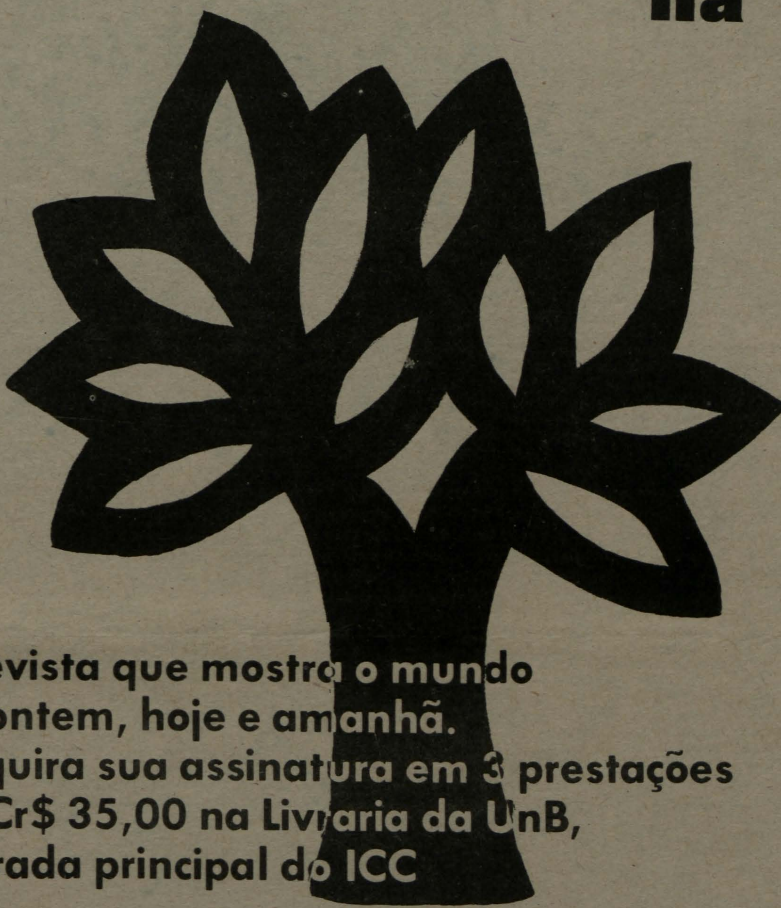
E pra encerrar, como diz o "Correio", o Zum tem "um profundo senso crítico diante do mundo".

Concordo.

E LEIA

veja

na UnB



A revista que mostra o mundo de ontem, hoje e amanhã. Adquira sua assinatura em 3 prestações de Cr\$ 35,00 na Livraria da UnB, entrada principal do ICC

Latin: a notícia sem tradução

A partir de 16 grandes jornais latino-americanos, cansados de depender das agências noticiosas européias e norte-americanas, para a cobertura de fatos que ocorriam em nosso próprio continente, foi formado um pool para a criação da primeira agência internacional da América Latina. Atualmente com 32 jornalistas e há dois anos funcionando em fase experimental, a *Latin* a partir deste mês entrou para valer na concorrência com a UPI, AP, Francepress e outras grandes agências do mundo. Formada por jornais das mais diferentes linhas políticas como *El Mercurio*, do Chile, *Excelsior*, e *O Estado de São Paulo*, a *Latin*, quer, "acima de intenções ideológicas, estabelecer um espírito latino-americano de informação".

Para o jornalista Roberto Leon, mexicano, correspondente da *Latin* em Brasília, a criação da agência era indispensável para tornar eficiente o intercâmbio de informação entre os países latino-americanos. "As grandes agências européias e norte-americanas", disse Leon, "jamais fizeram uma boa cobertura dos fatos que ocorriam na América Latina. Isso talvez se explique pelo excesso de centralização, que coordena o trabalho dessas agências: uma no-

tícia ocorrida na Argentina, e enviada até Nova York e de lá é re-distribuída, em inglês, para outros países latino-americanos, depois de uma seleção que não levava em conta nossos interesses informativos. Assim, o noticiário latino-americano dessas agências sempre se limitou a terremotos e golpes de estado".

Para mostrar como essa deficiência é real, Roberto Leon mostra os resultados dos primeiros meses

de funcionamento da *Latin*: embora tenha saído apenas este mês da fase experimental, a agência já possui mais de 80 clientes em todos os países latino-americanos, entre jornais, estações de rádio e de TV. "Esse número", acrescenta Leon, "aumenta a cada semana, pois estamos ainda em plena fase de vendas. O único país da América Latina que ainda não possui correspondente ou clientes da *Latin* é Cuba. Mas nós já estamos mantendo os primeiros contatos, e esperamos estar lá em breve".

Outra grande vitória da *Latin*: a partir do próximo ano a agência européia *Reuters*, uma das mais importantes do mundo, vai sair da América Latina deixando todo seu esquema, montado para a *Latin*, que passará a trabalhar em convênio com a *Reuters*, ficando responsável por toda a cobertura Latino-americana dessa agência.

A sede da *Latin* é em Buenos Aires, onde estão também todas as agências internacionais que operam

na América Latina. Lá o custo operacional é mais barato que no Brasil, o que levou inclusive algumas agências que tinham sede no Rio a se transferirem para a Argentina. No Brasil, a *Latin* terá três correspondentes - em Brasília, no Rio e em São Paulo. Mas a redação principal do Brasil será no Rio, onde ficarão 12 redatores, responsáveis por todo o noticiário em português.

Todos os jornalistas contratados para a *Latin* passaram antes por intenso treinamento. Roberto Leon, com 13 anos de jornalismo (já foi correspondente de um jornal mexicano em quase todos os países da Europa) diz que "jornalismo de agência é completamente diferente do jornalismo de periódicos. Para me tornar um repórter de agência tive que esquecer tudo que aprendi durante minha carreira. O noticiário de agência tem que informar, no menor número possível de palavras não apenas o fato, mas também as características principais que o envolvem, inclusive algumas infor-

mações geográficas. Nós não podemos esquecer de que a notícia ocorrida em São Paulo será lida por pessoas do interior do México, que não sabem nem onde é São Paulo", continua Leon.

Por isso, Leon, antes de começar seu trabalho na *Latin*, esteve durante algum tempo em outras agências noticiosas conhecendo de perto o jornalismo de agência. Passou ainda um mês na redação central da *Latin*, em Buenos Aires, e por fim visitou algumas sucursais de outros países latino-americanos.

Agora Leon é o correspondente da *Latin* em Brasília, e o responsável pelo noticiário político no Brasil. Do seu aprendizado em agência, ele conclui dizendo o que pensa das escolas de jornalismo: "Tudo o que aprendi no jornalismo, foi através da prática em jornais. Escola de Comunicação é importante para a cultura do profissional, mas o caminho para se tornar jornalista é entrar para um jornal como auxiliar do auxiliar do repórter. É lá que se aprende".

A FAUnB está bem: espere pra ver

- Olha, nesta equipe eu aposto.
Eu boto dinheiro, sabe o que é dinheiro?
A taça de xadrez é nossa, t-r-a-n-q-u-i-l-a.
Lincoln Lucena, mestre; Frederico Burgos, mestre;
Felipe Pullen, idem; Chamelete, ainda não é
mestre, mas chega lá. Antônio Delfino tá papando
muita gente boa aí.
Ave Maria!

A FAUnB que tem a terceira ou quarta delegação do país, em quantidade de atletas, estará até o início dos jogos deste ano, em condições de bem representar Brasília em Porto Alegre. O começo foi duro. sofrido. Os treinamentos exigem muitos sacrifícios. E difícil, no esporte amador, vislumbrar alguma recompensa para tanta luta.

Os problemas e as dificuldades se amontoam. Resolve-se alguns, passa-se por cima de outros, desconhece-se, simplesmente, os insignificantes. Não há muito tempo a perder com detalhes problemáticos, quando a vontade de competir é mais forte. E o ideal é simples, porque prepondera o espírito de competição sobre a ganância de medalhas e taças. A ideia é lutar por uma boa colocação, da melhor maneira possível, e ver se as medalhas vem como consequência.

O JOGO DOS MESTRES

Há equipes por natureza tranquilas, que despertam inconscientemente, no torcedor, uma euforia pouco desmedida. Formada por cérebros, a equipe de xadrez, por exemplo, já nasceu coberta de favoritismo. Pessoal sem problemas, de reconhecido gabarito técnico, o negócio é só espantar a zebra.

Exceção à regra, só eles mesmos não tem que esquentar muito a cabeça com problemas. Mas, para que os mestres possam guardar o açúcar para queimar no tabuleiro, a FAUnB está "fundindo a cuca", tentando levá-los a Porto Alegre. Um está em Porto Rico, em torneio internacional; outro em Fortaleza,

no brasileiro. Eles darão "xéque-mate" em cima da hora de começar no Rio Grande do Sul. Por incrível que pareça, até para uma entidade como a FAUnB, que representa o esporte universitário de Brasília, não é fácil conseguir passagens de avião. Conseguir, consegue. Mas é uma senhora parada.

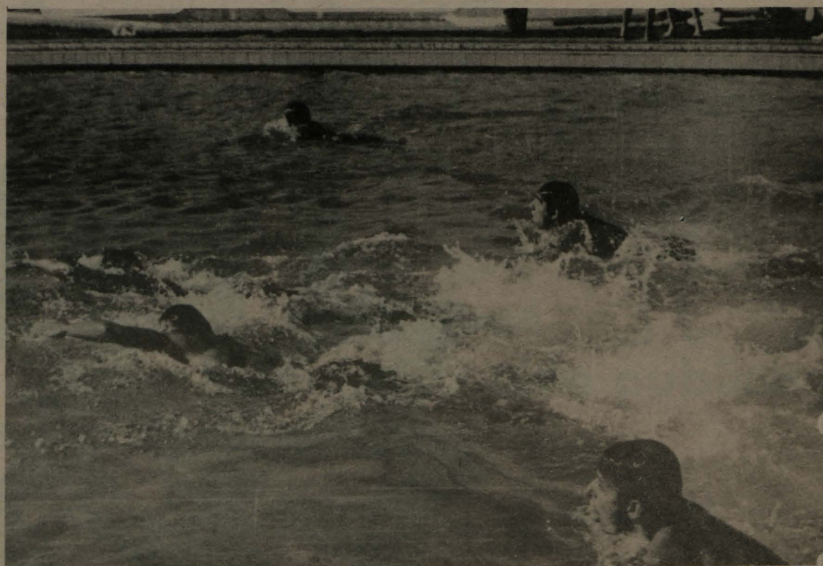
VERBA?

Que verba? Os 25 mil, destinados à FAUnB, foram uma boa ajuda. Não são suficientes para vestir, alimentar, transportar uma delegação de 201 pessoas, além de não suprirem as necessidades de compra de material, de problemas individuais e as despesas normais de treinamento. O professor Pires Gonçalves, responsável pelo DEFEF, órgão do Governo do Distrito Federal, que representa o esporte brasileiro, foi o primeiro a receber a cantada: "Precisamos de dinheiro". Ele ficou de estudar o problema e ver o que podia fazer.

O DEFEF talvez não seja o responsável direto pela falta de "grana" que oprime uma delegação universitária. O MEC já doou os 25 mil. E então, a quem recorrer? O comércio, através de campanha esboçada pela imprensa brasileira, foi intimado a ajudar. O resultado foi o contrário do que se esperava: nada. Esperava-se que o comércio entendesse a nobreza deste empreendimento universitário. Uma esperança muito nobre, para uma realidade desinteressada. Problema comum, este da falta de dinheiro, que leva sempre à mesma conclusão: o jeito é continuar jogando na esportiva.

A BOLA NA MÃO

Enquanto a verba não vem, o desejo íntimo e não manifestado de



conhecer Porto Alegre, ainda é a grande e lisongeira razão do esforço de todo dia, para merecer uma vaga no "747" da Mogiana. Três dias e tanto de viagem de trem, sem saber "como é que tá o negócio de dinheiro, para alimentação", mas o cara quer ir.

"Negócio é treinar muito, senão na hora da competição cara se arrepende de ficar por baixo não dá". É a equipe de hand-ball da FAUnB está trabalhando por merecer colocação boa, já na primeira vez que esta modalidade é introduzida nos jogos universitários brasileiros. Para isto, de interval-training, circuit-training, cooper não se dispensa nem o nome em inglês. Tudo como manda o figurino.

E é puxado. E só ir às terças e quintas, a noite, ou aos sábados, às 16 horas, ao Clube dos Funcionários, e ver a série de flexões, de abdominais, de estafantes, pulos à barreira, impulsões das pernas, corridas em diagonal, em ziguezague, de cos-

tas, cercado por hipotético adversário é vários outros exercícios. Se não estiver com pressa fica mais um pouco, que só viu o começo.

Hand-ball da FAUnB começou bem e deixa o observador, a impressão de que fará ótima figura nas quadras dos pampas. O técnico, prof. Renato, entende que a modalidade é uma das mais tranquilas para a representação brasileira. Embora hand-ball venha sendo praticado há pouco tempo em Brasília, este pessoal que, no momento, integra a seleção universitária, já teve oportunidade de jogá-lo nos colégios. Para eles, hand-ball não constitui nenhuma novidade, o que permite a direção caminhar para um aprimoramento técnico, que poderá atingir nível para altas competições.

Já no primeiro jogo-treino, a seleção da FAUnB venceu um combinado entre a seleção juvenil de Brasília e Elefante Branco, com larga vantagem no marcador. Isto a

credencia, com louvor e tudo o mais, a enfrentar grandes equipes brasileiras. E isto é um indicio, é um tênue vislumbamento de que Brasília poderá ser o começo de um despertar da paixão pelo futebol, para prestigiar tantas outras modalidades esportivas, que, com frequência, são relegadas a planos inferiores.

JOGOS TRANSMITIDOS

O torcedor brasileiro terá condições de ver os melhores lances dos jogos universitários. A FAUnB, que manteve contatos com a imprensa local, está providenciando, para que isto aconteça. A TV Brasília, o "Correio Braziliense", o CAMPUS e uma equipe de TV da Faculdade de Comunicação, estão organizando, sob os auspícios da FAUnB, um pool, de jornal e TV, para mandar Brasília imagens, escrita e televisão, desta competição. Além de teletipos, para jornal, estão previstas uma hora de TV, via Embratel e a montagem de video-tapes.

VOCÊ ESTÁ CONVOCADO

- Eu vou levar
- Eu vou levar baralho, pra viagem.
- Que baralho? Negócio é levar xadrezinho de viagem.
- Cada um na sua bicho, mas que se acha, a gente leva duas blusas?
- Eu tô pensando é em quanto de tutu eu vou levar.
- Puxa, quanta mina lá em Porto Alegre, quanta...
- Escuta, em vez dos dois ficarem aí conversando, por que não arrumam uma vaga pra mim?
- Agora ???

Não dá mais. Daria se, bem, é preciso ficar claro o seguinte: este negócio de que FAUnB é panelinha, é papo de outros tempos. As portas da FAUnB, no momento certo, estão abertas para todo universitário de Brasília. Às vezes esta Federação se vê em situação não muito cômoda com alguma equipe, porque domina o pensamento errado. O técnico é bom, existe apoio e boa vontade, mas, para enfrentar equipes de outros Estados, falta elemento humano. E isto porque muita gente boa pensa que não é fácil entrar na FAUnB ou ainda não adquiriu aquela mentalidade de participação.

Ao que vem, os jogos universitários brasileiros serão no Rio, em São Paulo ou em Recife. Uma das três. E legal, mas também não é só dar o nome e pronto. Se fôsse assim a FAUnB teria muito prazer em levar uma caravana de torcedores para Porto Alegre ainda

este ano.

Para participar da delegação, não tem que justificar sua presença. Tem que cumprir determinado índice técnico. Se a modalidade for coletiva, atende-se ao critério de seleção.

Se for individual, o atleta será cientificado de determinado índice, que terá de atingir, até as vésperas da viagem.

Assim é o sistema da FAUnB. Os índices não são lá essas coisas. Mas é preciso treino. E só o cara se apresentar, treinar com seriedade e terá passagem, todo ano, para diversas capitais brasileiras. Para quem gosta de atletismo, em outubro próximo serão realizadas, em São Paulo, corridas universitárias.

Falou e disse? Vai começar a treinar? Semestre que vem, vai lá na FAUnB e diz qual é a sua. Vê se começa a participar.